



A mostra da artista, a primeira depois de bater recorde de preço no ano passado, traz cerca de 30 obras, produzidas entre 1989 e 2007, número significativo para quem produz 10 telas por ano em média.

EXPOSIÇÃO

Sob o estigma da unanimidade

Beatriz Milhazes mostra na Pinacoteca do Estado pinturas, colagens e gravuras

MIGUEL DE ALMEIDA
SÃO PAULO

Ao que tudo indica a temporada de caça a Beatriz Milhazes está aberta.

Infelizmente por motivos errados. O Brasil, já afirmava Antonio Carlos Jobim, não gosta de quem faz sucesso.

Beatriz, em maio passado, teve sua tela "O Mágico", pintada em 2001, arrematada por cerca de US\$ 1 milhão, na Sothebys de Nova York. Nunca antes um brasileiro viu alcançar tamanha cifra.

Como resultado, há no mercado um bando de compradores ensandecidos atrás de suas obras. Informa-se que ela pinta algo como dez telas por ano, o que é pouco para uma legião de consumidores motivados não pela estética, mas pelo efeito manada. E são compradores em dólares — algumas galerias brasileiras já receberam encomendas vindas de colecionadores americanos. Devem acreditar que permaneça o efeito do leilão e as obras da artista ganhem uma dinâmica própria de venda.

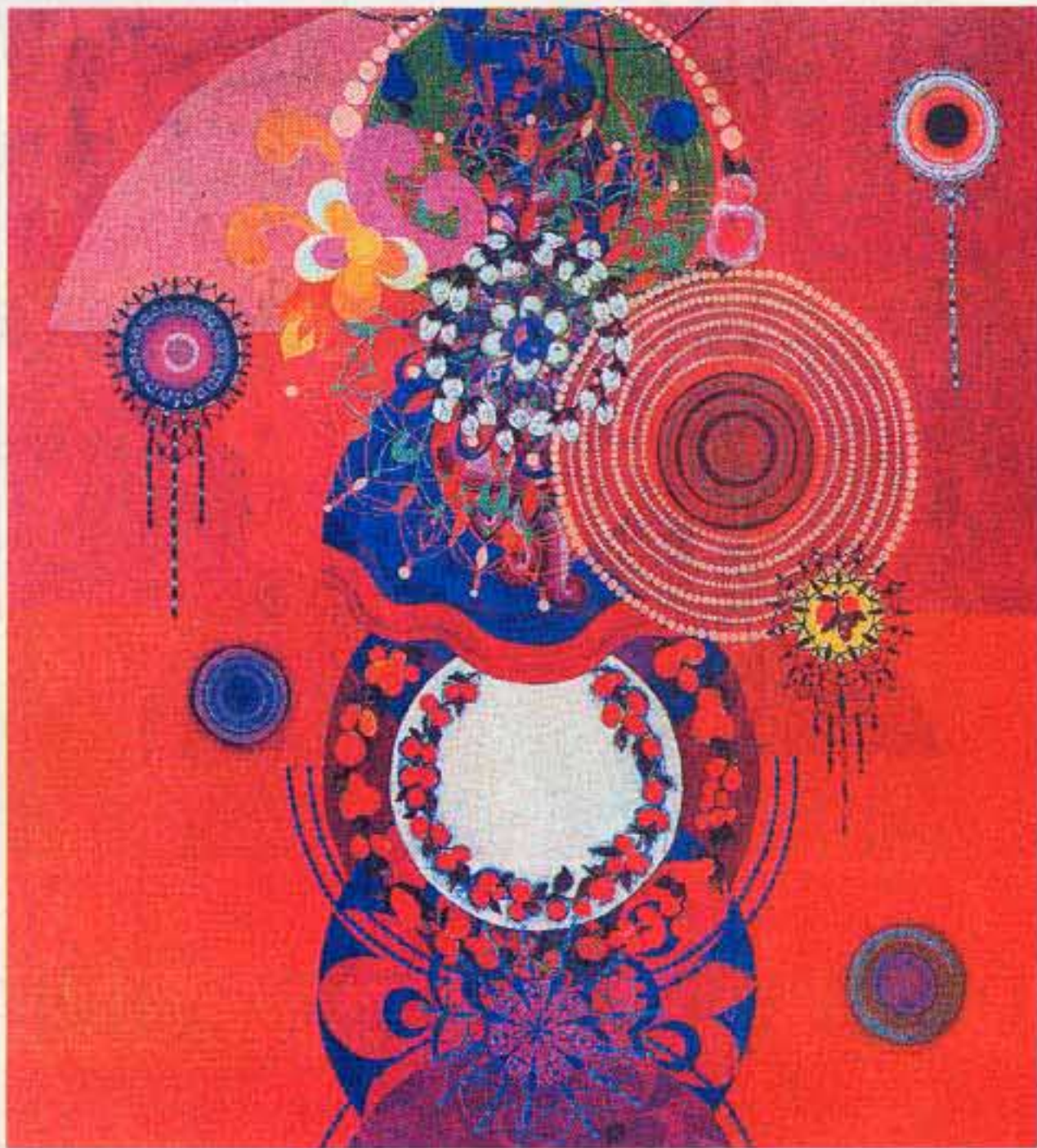
A mostra da artista, "Beatriz Milhazes: Pintura, Colagem", a ser aberta amanhã na Pinacoteca do Estado de São Paulo, traz cerca de 30 obras, entre pinturas, colagens e gravuras, produzidas entre 1989 e 2007. É o primeiro contato do público brasileiro depois de sua consagração nova-iorquina. Serve também para a mídia produzir um emaranhado de preconceitos e para a difusão de conceitos equivocados — no que a rima aqui deve ser perdoada por involuntária.

Formada em jornalismo, oriunda da famigerada Geração 80, a carioca Beatriz Milhazes forjou uma imagética própria ao fazer uma espécie de união entre as estampas hippies da década de 70 (as de 60 eram outra coisa), com seus arabescos e pontilhosismos de cepa vagamente oriental, a uma paleta descaradamente decorativa, quando lança mão de acondicionamentos geométricos já experimentados e consagrados como rimas vezeiras — algo assim como servir goiabada cascão e queijo branco de sobremesa. Não tem quem não goste.

Os experimentos visuais de Beatriz Milhazes se aprimoraram a partir da virada do século, com uma linguagem mais depurada e com um ganho de segurança — o tempo a fez perder seus pudores. Ela não teve receio em assumir o fazimento da pintura decorativa como seu *leitmotiv*. O tempo a levou a abraçar um repertório de fácil assimilação visual, com uma paleta de combinações nada ousada e com certo conforto aos espíritos menos afoitos. Assim como há gente que não gosta de improvisos ou de surpresas, preferindo o papai e mamãe das imagens, há quem não consiga conviver com o que não seja consagrado, tal qual a idéia de que um dia vem depois do outro ou de que após o



Bem cotada no mercado externo, a artista teve a tela "O Mágico", arrematada em leilão Sothebys de Nova York por US\$ 1 milhão



As pinturas são o grande destaque da exibição, que tem obras como "Os Três Músicos", de 1998

domingo chega sempre a segunda-feira, ainda bem.

Não há qualquer problema nem naqueles que não suportam as facetas distorcidas de Bacon, com a revelação das mazelas e desmandos humanos, nem naqueles que preferem sempre ter na parede a reprodução de um arco-íris ou de um covarde pôr-do-sol no Taiti. Por que o cidadão irá se regozijar com a fase negra de Goya, reconhecendo de matiz incômoda, se pode ter como

descanso de tela uma foquinha bonitinha toda branquinha?

E aí chegamos à questão do conforto e da beleza na obra de Beatriz Milhazes.

Sua obra é acusada — como destrato — de ser decorativa pelo fato de ostentar algo batizado de beleza. Sim, a beleza que resulta no conforto, a beleza que provém de truques visuais. Assim como o poeta possui seus ases, e o galanteador ostenta seu repertório de galanteios e regozijos, o pintor

também armazena suas rimas prontas e imagens facilitadas.

Mas não é disso que trata Beatriz Milhazes ao justapor formas, cores e padronagens já estupidificadas pelos tempos idos do hippismo militante? Mais ou menos. É que a artista inegavelmente possui o talento de ordenar signos, tonalidades e ritmos dentro de uma tela e levá-los todos a uma convivência socialmente tranquila.

Que mal há em se fazer rima com "ão" se isso pode ser uma so-

lução? Também nisso não há nenhum mal. A beleza em si, ou o belo conquistado, não são pedras e nem devem ser armas de ataque. É sabida a reação da sociedade francesa da virada do século XIX para XX ao ser surpreendida pelas melodias encantadoras (fáceis? Covardemente bonitas?) de Jules Massenet. Autor de "Meditação de Tais", um clássico do tira-lágrimas, Massenet perpetrou dezenas de peças maravilhosamente... bonitas. Já em seu tempo a beleza bruta escandalizava o público mais culto. Sim, porque o menos letrado aplaudia suas obras e ainda pedia bis. (Vale dizer, a propósito, que suas peças integram repertórios de orquestras exigentes e o resultado permanece o mesmo, qual seja, uma tempestade de aplausos. Alguém dirá que a humanidade "embregou-se" sob a cultura de massas, porém isso já é outra discussão). Só que foi Claude Debussy, o irascível e inventivo compositor, também francês, que saiu em defesa de Massenet. Em crítica publicada na imprensa da época dizia que os críticos enxergavam defeitos justamente onde ele apresentava suas melhores qualidades — na beleza de suas composições.

Qual o problema na beleza? Em princípio nenhum. A arte não se faz só de Goya, El Greco e Lucien Freud, autores bravamente construtores de visagens de degustação mais lenta. É difícil sim colocar na sala de jantar um Francis Bacon.

Na arte outro que se deparou com a questão da beleza, Henri Matisse, por acaso outro francês, teve de aturar julgamentos apressados, como se todos fossem obrigados a ser atormentados como Picasso.

No caso de Matisse, a questão era outra. Sua época, particularmente atritada, foi testemunha de conflitos mundiais, de movimentos populares de forte teor contestatório, de um esgarçamento brutal das relações e de um ódio que foi dar nas bombas da Segunda Guerra Mundial.

Porém a imagem de mundo de Henri Matisse não se assemelhava à imagem de Guernica vista por seu contemporâneo Pablo Picasso — e aqui a referência é a mesma que se fazia naquele período turbulento, de ideologias à flor da pele (para não se dizer também de disputa de mercado, porque dali resultou a configuração posterior da arte contemporânea, com seus dólares e seu estabelecimento de tendências).

Matisse mirava o encantamento da pintura, da possibilidade de convivências culturais, espécie de multiculturalismo precoce. Sua arte era antes de tudo uma profissão de fé na pintura como forma de elencar o processo civilizatório. Ou como faria à mesma época Ezra Pound, no campo da poesia, o apego aos pontos luminosos. Com Matisse tais pontos vinham coalhados pela beleza.

O debate opondo Picasso e Matisse encerrava a velha discussão, de priscas eras, das formas de representação versus formas de visão de mundo. Quá-quá-quá. A luta continua.

Não são palavras para se defender Beatriz Milhazes, que nem precisa por já estar com a vida ganha. Mas sim porque destrar sua obra pelo fato de ser bonita ou agradável é erro de foco.

O problema na pintura de Beatriz Milhazes é outro. Primeiro sua cepa é gráfica. Suas soluções são gráficas. Sua formatação é gráfica.

Não há ali enfrentamento da pintura. Porque Beatriz não enfrenta a pintura. As questões postas não são de ordem pictórica. Ela não pinta, ela faz gráfica. Seus elementos, a disposição, a distribuição de espaços, até o respiro, são dados gráficos.

Olhar Beatriz como pintora portanto é um equívoco. Ela não é pintora.

Talvez aí, curiosamente, esteja o segredo de seu sucesso: o de levar às tintas um arsenal de soluções gráficas travestidas de vertentes pictóricas. É como se colocasse o carro no quarto de dormir.

Quando se inspira em embalagens, particularmente de balas e chocolates, como motivo de glosa, Beatriz revela uma estonteante sinceridade intelectual, rara em seus pares. A vitrine é o paraíso gráfico por excelência. Traz síntese. Resume de maneira rápida os pontos de fácil comunicação, ou de venda. E necessita lidar com poucos signos para atrair atenções, prender a respiração. Nada de experimentos. O jogo é na bola da vez.

Não há pecado em se enxergar o mundo por meio do sonho de valsa. Ou tudo se resume a uma questão pós-glicêmica?

O fato é que Beatriz Milhazes espelha uma época acostumada ao bom senso das informações, ao facilitado das imagens e à dissolução dos enfrentamentos. É tão banal quanto a nossa época de celebridades.

Beatriz Milhazes:
Pintura, Colagem

Pinacoteca do Estado, Praça da Luz, s/nº. Tel: (11) 3324-1000. Terça a domingo, 10h/18h. R\$ 4. De amanhã (6) até 30 de novembro.